

ESPAÇO ABERTO

Neoindustrialização para o Brasil que queremos

Luiz Inácio Lula da Silva e Geraldo Alckmin

Nos últimos anos a indústria brasileira tem enfrentado dificuldades de crescimento, com uma participação cada vez menor no PIB. A desindustrialização precisa ser interrompida, para que geremos mais empregos de qualidade.

A exportação de matérias-primas é importante, mas, em que pese o crescente conteúdo tecnológico associado, é mais vulnerável aos ciclos de preços internacionais. Uma economia baseada no conhecimento depende de recuperarmos nosso setor industrial, em benefício também de nossa soberania em setores como saúde, comunicações, defesa e energia. No entanto, estamos perdendo a corrida da sofisticação produtiva.

Décadas atrás, éramos o 25.º país em complexidade de nossa economia. Hoje, estamos ao redor da 50.ª posição. Países como a China fizeram o caminho inverso: ela se tornou competitiva em setores de ponta, transformou-se numa economia que já é mais complexa que a da Dinamarca e, neste percurso, levantou centenas de milhões de trabalhadores da pobreza. No Brasil, a renda do trabalho teve uma queda de 2% em 2022, atingindo o menor valor em dez anos.

A neoindustrialização brasileira requer iniciativa, planeja-

mento e gestão. Nossa diversificação precisa ser criteriosa, a partir dos setores em que já temos know-how, na direção daqueles que podem gerar maior valor adicionado e nos quais temos capacidade de ser competitivos.

Precisamos de uma política industrial inteligente, para o novo momento da globalização – em que mesmo países mais liberais investem em conteúdo nacional: seja para a construção de cadeias produtivas mais resilientes a choques, como o que provocou escassez de insumos na pandemia; seja para dar conta do imperativo da mudança climática, a corrida espacial do nosso tempo.

Fazer política industrial não é questão de “sim ou não”, mas de “como”. Nesta tarefa, será fundamental a escuta da sociedade por meio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Industrial (CNDI), reativado. Destes fóruns sairão as missões a serem dadas à indústria, que ajudarão o País em carências como na saúde e na defesa. Estas se somarão a outras medidas, como o novo Programa de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico da Indústria de Semicondutores (PadiS) e o programa de enfrentamento ao custo Brasil. Para estes fins, estamos resgatando ainda uma política comercial, que complementa a política industrial.

Nos próximos anos, a indústria será o fio condutor de uma política econômica voltada para a geração de renda e de empregos mais intensivos em conhecimento e de uma política social que investe nas famílias

Enquanto esta trata da produção, aquela promove sua vazão.

Oportunidades comerciais se abrem para uma potência verde de como nosso país. A redução do uso de combustíveis fósseis na indústria automotiva se dará com o carro elétrico, mas também com biocombustíveis. Podemos exportar carros ou motores flex para mercados aptos a usar etanol na Ásia, na África e na América Latina.

Precisamos reanimar o comércio dentro do nosso continente e com a Costa Atlântica da África, regiões onde num

passado recente exportamos mais produtos industrializados; e explorar nichos abertos pelo crescimento na Ásia de países como Índia, Indonésia e Vietnã, assim como numa China que hoje não só exporta muito, mas estimula um florescente mercado interno com poder aquisitivo cada vez maior – possível destino para nossos cosméticos e alimentos.

Há, ainda, oportunidades com o retorno do Brasil ao mapa de investimentos internacionais, aproveitando vantagens em energias renováveis. Com quase 90% da nossa matriz elétrica limpa e expansão da energia eólica e solar, devemos focar em atrair investimentos verdes.

A força do nosso agronegócio, por sua vez, permite criar uma cadeia de suprimentos que reduza nossa dependência externa com o Plano Nacional de Fertilizantes, estimular a agroindústria e financiar as exportações de maquinário agrícola e de novas tecnologias que estão surgindo no Brasil para atender o campo.

Para a neoindustrialização, necessitamos também de políticas horizontais – como uma tributação eficiente e justa. É a reforma tributária, para destravar, desburocratizar e simplificar processos que prejudicam a indústria. A reforma, desenhada para reduzir a cumulatividade de

os conflitos, estimulará o investimento privado, elevará as exportações nacionais, combaterá as distorções aloativas e melhorará o ambiente de negócios, reduzindo o custo Brasil.

Temos de facilitar o acesso ao capital, reduzindo seu custo, para que os empreendedores possam criar e expandir os seus negócios. O governo está fazendo sua parte com o novo arcabouço fiscal, reforçando a estabilidade e a previsibilidade em nossa economia.

Por fim, buscamos investir nas pessoas, afinal a indústria só prosperará com capital humano bem formado. Por isso, celebramos os investimentos no novo Bolsa Família, que passa a privilegiar mais as crianças; na educação básica, que rumo para o ensino integral; e na valorização do salário mínimo.

A indústria será, nos próximos anos, o fio condutor de uma política econômica voltada para a geração de renda e de empregos mais intensivos em conhecimento, inclusive no setor de serviços. E de uma política social que investe nas famílias – trabalhadores de hoje e de amanhã. O Brasil de novo se volta para um futuro de inclusão social e crescimento econômico com empregos de qualidade. ●

SÃO PRESIDENTE DA REPÚBLICA E VICE-PRESIDENTE DA REPÚBLICA

TEMA DO DIA



Antirracismo Manifestantes protestam em frente ao consulado da Espanha em apoio a Vini Jr.

Movimentos negros se reuniram em São Paulo após novo caso de racismo sofrido pelo jogador do Real Madrid no Campeonato Espanhol. A Real Federação Espanhola de Futebol anunciou punição ao Valencia. ●

40 mil Interações

Comentários de leitores no portal e nas redes sociais

● “Cadeia para os agressores. Muitas pesadas para os organizadores.”
ABELSON RIBEIRO

● “Lindo de ver! Parabéns! Estamos com todos vocês! Viva o amor, a paz a união entre as pessoas. Não ao ódio!”
JOSE NILTON

● “Vitimismo branco não passará.”
INAIAN NANI

● “Não vejo uma pessoa de direita protestando contra esse caso. Ser omissos também é contribuir com o racismo.”
BERNARDO FRITSCHER

NAS REDES SOCIAIS
Veja outros destaques e participe das discussões no Link da Bô do Instagram do Estadão.
www.estadao.com.br/lnkldabô
Siga o @Estadao nas redes sociais

PRODUTOS DIGITAIS



Tecnologia
Descubra IAs que são tão úteis quanto o ChatGPT. ●
<https://bit.ly/3lsRw0v>

Paladar
Chá é melhor que café? Veja benefícios das bebidas. ●
<https://bit.ly/3lpBfB5>

Aplicativo do Estadão
Personalize o app, salve conteúdos e siga colonistas. ●
<https://bit.ly/3D0IGb6>

Av. Eng. Caetano Álvares, 55 - CEP: 02598-900 - São Paulo - SP ● (11) 3856-2122 ● Fax: (11) 3856-2940 ● E-Mail: forum@estadao.com ● Central do assinante: Capital e regiões metropolitanas: 4003-5323 ● Demais Localidades: 0800-014-77-20 ● <https://meu.estadao.com.br/fale-conosco> ● Central ao leitor: (11) 3856-2122 ● falecom.estadao.com classificados por telefone: (11) 3856-2001. Preços venda avulsa: SP: R\$ 6,00 (segunda a sábado) e R\$ 9,00 (domingo). RJ, MG, PR, SC e DF: R\$ 6,50 (segunda a sábado) e R\$ 10,00 (domingo). ES, RS, GO, MT e MS: R\$ 8,50 (segunda a sábado) e R\$ 11,50 (domingo). BA, SE, PE, TO e AL: R\$ 9,50 (segunda a sábado) e R\$ 12,50 (domingo). AM, RR, CE, MA, PI, RN, PA, PB, AC e RO: R\$ 10,00 (segunda a sábado) e R\$ 13,00 (domingo). ● Vendas de assinaturas: 0800-014-9000 ● Whatsapp: (11) 99248-2333 ● Vendas corporativas: (11) 3856-2524 ● Agências de publicidade: (11) 3856-2531 ● cia@estadao.com



